



SALA DE LEITURA
EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E AMBIENTAL



Adasa
Agência Reguladora de Águas, Energia
e Saneamento Básico do Distrito Federal



SALA DE LEITURA

EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E AMBIENTAL



Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E AMBIENTAL - PECA

VERSÃO PARA APRENDIZES

Público
NÃO FORMAL

MÓDULO 3b



MÓDULO: RELAÇÃO DO BEM: FLORESTAS E SOLO

1. IDENTIFICAÇÃO DO MÓDULO – 3b

TEMA: (III) Mudanças Climáticas e Segurança Hídrica

TÓPICO: Erosão e desertificação

MÓDULO: RELAÇÃO DO BEM: FLORESTAS E SOLO (NF, 3b)

ROTEIRO DE LEITURA – Texto

Texto 3 - “Por um mundo mais seguro e estável”.

Leia o texto e reflita sobre as seguintes perguntas:

- 1. Que problemas a desertificação pode gerar?**
- 2. Como o aquecimento global se relaciona com o surto de doenças e epidemias?**
- 3. Na 21ª Conferência das Partes (COP21) em Paris, foi adotado um novo acordo com o objetivo central de fortalecer a resposta global à ameaça da mudança do clima e de reforçar a capacidade dos países para lidar com os impactos decorrentes dessas mudanças e países como o Brasil, comprometeram-se em reduzir as emissões de gases de efeito estufa. A desertificação tanto é influenciada por fatores climáticos, como por fatores antrópicos, o que pode ser feito em relação a esse problema para contribuir com uma menor interferência no clima?**

22/04/2016 - 05:00

Por um mundo mais seguro e estável

Por **Federica Mogherini e Miguel Cañete**

A assinatura do Acordo de Paris em Nova Iorque, hoje, será um evento histórico e um passo importante na implementação do primeiro acordo global sobre clima no mundo.

Um número recorde de países deverá estar representado: o mundo inteiro comprometeu-se a transformar as promessas de Paris em ações concretas. O espírito de Paris está vivo e bem de saúde - e avançando.

Nos últimos anos, temos ouvido muitas predições sombrias de que seria impossível chegar a um acordo universal. Aliás, havia razões de peso para sermos céticos. Mas nossa fé na diplomacia e na cooperação multilateral valeu a pena. E devemos dizer em alto e bom tom que a Europa desempenhou um papel fundamental na criação de um consenso em torno de um acordo sólido que inclui 195 países.

Não é possível aceitar esforços duplicados. Os programas nacionais de adaptação às mudanças climáticas podem promover benefícios mútuos e sinergias com outras áreas, como o desenvolvimento econômico e social, a saúde, o meio ambiente, além da paz.

Com a aproximação da conferência de Paris sobre o clima, a União Europeia mobilizou sua rede de 3.000 delegações da UE e embaixadas dos Estados Membros no mundo inteiro. Esse diálogo com nossos países parceiros, o público em geral, a comunidade empresarial e as organizações da sociedade civil ajudou a desenvolver uma coalizão global para lutar contra as mudanças climáticas. Trata-se da melhor expressão da diplomacia europeia: trabalhando em conjunto pelo bem da Europa e do mundo.

Durante a conferência, a Europa foi a voz mais forte pregando metas ambiciosas. Nossa diplomacia de clima estabeleceu uma rede de alianças com a associação de 79 países da África, do Caribe e do Pacífico (ACP, na sigla em inglês). Unimos os dois grandes atores internacionais e uma série de pequenos países em desenvolvimento visando um acordo ambicioso. É a Coalizão de Alta Ambição, agora famosa, que mudou as regras do jogo em Paris.

Mas nosso trabalho continua. Paris foi apenas o começo. Construir o acordo com base nas bem sucedidas alianças desenvolvidas durante os dias que precederam a Conferência de Paris seria crucial: precisamos da ajuda uns dos outros para continuar no rumo certo e chegar a uma transição global para a energia limpa. É essa a derradeira maneira de manter o aquecimento global bem abaixo dos 2° C e limitar o aumento de temperatura a 1,5° C.

As temperaturas globais têm alcançado níveis recordes. O impacto das mudanças climáticas continua a ameaçar a vida e a desestabilizar vastas regiões. Uma ação coletiva global é mais vital do que nunca.

A desertificação e as estiagens promovem deslocamentos de grandes massas de pessoas, disseminam epidemias e criam conflitos em torno do controle dos recursos. As mudanças climáticas já constituem uma questão de política externa: afetam nossa segurança agora, e não num futuro distante.

Lidar com essa ameaça global estará no cerne da ação externa europeia, conforme acordaram os ministros de relações exteriores dos 28 estados membros da UE. Responder aos problemas de segurança, diretos e indiretos, que resultam das mudanças climáticas será um elemento importante da nova Estratégia Global da União Europeia sobre Política Externa e de Segurança a ser apresentada ao Conselho da Europa em junho próximo.



É uma ameaça complexa, mas já dispomos de muitas das ferramentas necessárias para lidar com as fragilidades climáticas e limitar as ameaças à paz. Nossos parceiros no G-7 também trabalham arduamente na identificação de áreas concretas de ação. Mesmo assim, nossas estratégias para as questões associadas às mudanças climáticas, ao desenvolvimento, à ajuda humanitária e à construção da paz precisam ser muito bem integradas.

Todas nossas políticas devem contemplar as questões associadas às mudanças climáticas, conforme sugerido pela Agenda 2030 para o Desenvolvimento

Sustentável.

Quando temos pouco tempo e os recursos financeiros são limitados, não é possível aceitar esforços duplicados ou inconsistências. Os programas nacionais de adaptação às mudanças climáticas podem identificar e promover benefícios mútuos e sinergias com outras áreas, como o desenvolvimento econômico e social, a saúde, o meio ambiente, além da paz.

Nossa atual prioridade é conseguir uma ratificação e implementação precoce do Acordo de Paris. Isso seria um sinal importante para o mundo: os governos europeus levam a sério a questão das mudanças climáticas, e hão de pôr em prática o que foi acordado no papel.

Pela mesma razão, não podemos perder tempo com os planos de ação climática que preparamos antes da Conferência de Paris. Apoiaremos nossos parceiros no mundo inteiro enquanto se preparam para a implementação desses planos, e continuaremos dialogando com os atores não governamentais, como as empresas, as cidades e muitos outros. Todos precisam desempenhar seu papel no esforço coletivo global que temos pela frente.

Está na hora de arregaçar as mangas e iniciar o trabalho árduo de cumprir as promessas que fizemos em Paris. Serão necessários a mesma ambição e o mesmo sentido compartilhado de direção que resultou no acordo. Nossa União continuará a mostrar o caminho - como sempre fez - na procura de um planeta mais verde e mais seguro.

Federica Mogherini é alta representante da UE para a Política Externa

Miguel Arias Cañete é comissário para a Ação Climática e Energia